



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 8 | 2023

Documentário (auto)biográfico

O Presidente Improvável (2022): o legado do presidente Fernando Henrique Cardoso

Cristiane Pimentel NEDER

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt/>

DOI: [10.34640/c.t8uma2023neder](https://doi.org/10.34640/c.t8uma2023neder)

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Neder, C.P. (2023). *O Presidente Improvável (2022): o legado do presidente Fernando Henrique Cardoso*. *Cinema & Território*, (8) 129–140.

<https://doi.org/10.34640/c&t8uma2023neder>

30 de novembro de 2023



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

O Presidente Improvável (2022): o legado do presidente Fernando Henrique Cardoso

Cristiane Pimentel NEDER

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-PQ)
cristiane.neder@uemg.br

Resumo: O documentário *O Presidente Improvável* (Franca, 2022) conta-nos como o cientista social Fernando Henrique Cardoso chegou ao poder. Um dos presidentes brasileiros que foi reeleito e que equilibrou a economia nacional com o Plano Real. Seu legado se mistura ao da democracia brasileira, estando presente nos principais eventos que derrubaram a ditadura militar. Com depoimentos de grandes pensadores, amigos de vida e amigos políticos de expressão internacional, o documentário mostra como um intelectual ascendeu ao poder de forma não intencional. Com direção de Belisário Franca é uma obra que nos dá a dimensão da trajetória de um grande estadista, que se divide entre seguir a carreira acadêmica ou a política, ou as duas ao mesmo tempo, entre viver no exílio ou voltar para ajudar na redemocratização do país. Analiso, neste texto, o percurso político de FHC.

Palavras-chave: presidente, democracia, política, documentário

Abstract: *The documentary O Presidente Improvável (Franca, 2022) tells us how the social scientist Fernando Henrique Cardoso came to power. One of the Brazilian presidents who was re-elected and who balanced the national economy with the Real Plan. His legacy is mixed with that of Brazilian democracy, being present at the main events that overthrew the military dictatorship. With testimonials from great thinkers, lifelong friends and political friends of international expression, the documentary shows how an intellectual rose to power unintentionally. The documentary directed by Belisário Franca is a work that gives us the dimension of the trajectory of a great statesman, who divides between following an academic career or politics, or both at the same time, between living in exile or returning to help in the redemocratization of the country. In this text, I analyse the path and the work of FHC.*

Keywords: *president, democracy, politics, documentary*

O objetivo de pesquisar sobre o documentário *O Presidente Improvável* é mostrar a importância de FHC para a democracia brasileira e do mundo. Mostrar que FHC foi um dos poucos intelectuais a ascender ao poder no Brasil. É um documentário que registra a memória de FHC com a do seu governo, uma retrospectiva de FHC desde jovem militante a presidente e a importância que teve na estabilidade econômica no Brasil. Mostrando a importância deste documentário perto de FHC completar 91 anos de idade e dos seus anos dedicados à vida política, apresentando suas reflexões. O documentário biográfico é uma homenagem a este presidente que virou uma nova página na política brasileira e que ajudou na construção da redemocratização e de uma política voltada aos programas

sociais. FHC foi um intelectual sociólogo que ascendeu ao poder e o poder transformou o intelectual sociólogo num presidente. O objetivo de tornar este documentário conhecido é resgatar a memória do Brasil pós ditadura junto com a do ex-presidente FHC, educando as gerações futuras para uma cultura democrática.

FHC e sua Trajetória

O documentário foi visto várias vezes no site da Globoplay que detém os direitos de transmissão, parando em inúmeros pontos importantes, descritos no texto, dando pausas e rescrevendo suas passagens mais importantes. Tendo como princípio mostrar o valor da obra que marca um período da história e retratar a trajetória de Fernando Henrique Cardoso (FHC), com suas dificuldades e seus méritos, descrevendo em cada parágrafo um pouco da progressão da sua trajetória.

Em um período em que a democracia brasileira atravessava uma crise, o ex-presidente e sociólogo Fernando Henrique Cardoso – se reúne com amigos e colegas de longa data para refletir sobre a sua trajetória e a do próprio país. Entre os seus interlocutores, figuram personalidades ilustres.

O documentário começa com a frase: “Um fato político significa algo que é: não previsto pelas regras” (Cardoso apud Franca, 2022: 04’:56”). Quase prevendo o que aconteceria na sua carreira no futuro. Começa com esta frase e com um dos primeiros discursos de Fernando Henrique ainda no círculo acadêmico, mas já com suas análises profundas sobre a vida social e política da humanidade. Depois passa para imagens da construção de Brasília. Imagens das construções sendo erguidas na capital brasileira e sua dimensão histórica, onde se construía não apenas prédios da esplanada dos ministérios e dos três poderes e o Palácio do Planalto, onde residem os presidentes brasileiros, como se construía um futuro em que a democracia se tornaria presente.

O traçado urbano de Lúcio Costa, tecendo o Plano Piloto, iniciado num espaço deserto, dando vida a uma cidade moderna. Brasília foi tombada, em 1987, considerada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, uma cidade visionária, onde a arquitetura vanguardista preenche o solo árido, em que a democracia iria crescer e se consolidar. Mostra o sonho de JK (Juscelino Kubitschek) sendo consolidado em fases, onde seria a nova sede do Brasil.

No documentário, um relógio marca dez horas da manhã (Franca, 2022, 01’:54”) intercalando imagens da construção de Brasília com a sala onde a entrevista com Fernando Henrique Cardoso será realizada. O desenvolvimento, passo-a-passo, da construção da Capital mostra os trabalhadores brasileiros erguendo-a, levantando seus alicerces, que daria base não apenas às paredes de todos os poderes, mas levantava o sonho da moderna democracia brasileira.

Aparecem as mãos de Fernando Henrique em plano *close up* numa poltrona e depois seu rosto é focado em plano *close* no seu olhar abaixo dos seus óculos. Uma voz lhe fala: “Saudades de conversar” e o chama de presidente. Pergunta se pode brincar, sendo autorizado por FHC e é neste clima de descontração e amizade entre o entrevistado e os convidados que darão depoimentos é que começa o documentário. Percebemos a presença do diretor mesmo sem o vermos, quando o presidente olha para o lado algumas vezes.

FHC foi um dos representantes da “Terceira Via” no Brasil, um pensamento político que depois gestaria a ideologia da Social Democracia, representada por alguns partidos, principalmente pelo PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira, do qual FHC é filiado e um dos principais líderes. A “Terceira Via” (Giddens, 2001) é uma corrente política que geralmente apresenta uma comunhão entre o capitalismo de livre mercado e

socialismo democrático, desenvolvendo projetos políticos progressistas, focados em desenvolvimento social e econômico. O pensamento foi desenvolvido por Anthony Giddens, professor universitário de sociologia e intelectual britânico e um dos principais ideólogos de Tony Blair, que foi primeiro-ministro do Reino Unido (Pavese, 2003). FHC, junto com Bill Clinton e Tony Blair são seguidores das ideias de Giddens e o primeiro depoimento no documentário *O Presidente Improvável* é de Bill Clinton, explicando que ele e FHC compartilharam muitas coisas juntos e que FHC fez um trabalho incrível e brinca que espera que no futuro eles estejam ainda muito bem. Segue com o depoimento de outros líderes políticos de projeção internacional.

Aparece o globo terrestre (Franca, 2022, 02':31'') na mesa com *close* no mapa da localização do Brasil. A conversa começa com a pergunta: Qual é o tema hoje urgente para estudar as nossas ciências sociais? FHC fala do mundo hoje globalizado e da entrada em uma nova era e da comunicação mediada pelas novas tecnologias de comunicação e afirma que uma governança global é muito difícil. Fala que a sociedade se orienta hoje não por organizações, mas pela ideia de pessoas e que antigamente não era assim, que era outro mundo e que há uma crise da democracia representativa.

Cria-se no filme um diálogo do pensamento de FHC com o dos convidados. O documentário nasce do hábito do presidente de conversar e escutar, num grande discurso e conversa coletiva. FHC fala que em 1968 foi professor na França e que naquela época já percebeu que a vida não estava mais baseada em partidos políticos, mas nos movimentos sociais articulados através das redes sociais e das novas tecnologias de comunicação. A “Primavera Árabe”, movimento que gerou uma série de protestos contra regimes autoritários em países do Oriente Médio e no Norte de África, iniciados em dezembro de 2010, na Tunísia, é um bom exemplo desta nova organização política.

FHC conta sobre suas origens, que a família do seu pai era muito poderosa, que quando ele veio do Rio de Janeiro para São Paulo, que São Paulo era já uma cidade forte e que ele foi se tornando paulista. Que a esposa, Ruth Cardoso, tinha uma personalidade forte e própria, que a antropóloga adorava estudar o pensamento de Claude Lévy-Strauss. Declara que o mundo dele era no Centrinho de SP e que o Sartre e a Simone de Beauvoir jantaram na casa dele; que Sartre fez uma conferência em Araraquara e que naquela época foi um sucesso, por serem intelectuais muito prestigiados no mundo.

FHC declara no documentário que começou a sua carreira fazendo pesquisa sobre os negros, tendo estudado muito as religiões negras também e que considera muito importante as experiências diretas com a população. Via na favela os negros e sempre gostou de ir aonde o povo estava e que não havia uma democracia racial no Brasil. Que uma vez foi ao Itamaraty e foi censurado por mostrar as suas ideias e pesquisas, porque não era conveniente falar sobre os problemas do Brasil aos estrangeiros.

FHC explica que os sociólogos e os políticos têm que gostar de gente, mas que ele nunca quis ser político, mas que o momento de alguma maneira te arrasta. No comício de 13 de maio de 1964, estava no Rio de Janeiro visitando o pai e presenciou os comícios contra o Jango (presidente João Goulart) e percebeu que vinha um golpe.

FHC sabia que no movimento estudantil eles iam ser perseguidos, mas que ele não tinha nenhuma relação com os jovens que eram chamados de subversivos. Diz que não podia mais voltar para sua casa e foi para o Chile, que era a capital do exílio na América Latina e que foi muito importante viver no Chile, porque eles não tinham a ideia de pertencimento à América Latina. Naquela época, a capital chilena era uma cidade provinciana, mas que se tornou uma cidade mais moderna e aberta pelo fluxo dos exilados e das discussões políticas contemporâneas. Fala que o exílio era um caviar amargo, porque o pai dele morreu e ele estava no exílio, que ele correu o risco e voltou ao Brasil

para ir à missa do pai e que um militar lá presente disse que ele tinha 48 horas para sair do país.

Fernando Henrique fez grande produção de livros no exílio. Ele nos conta sobre que as universidades foram cercadas e que ele foi aposentado como professor catedrático com 37 anos, mas que eles foram impedidos de ensinar no Brasil. Gilberto Gil fala dentro do documentário do tropicalismo e da sua prisão em São Paulo e que foi para outros quartéis e depois para uma prisão domiciliar na Bahia e depois foi exilado em Londres.

FHC fala também do sentimento de não poder sair do país senão “estaria morto”, no sentido que se ele saísse do país ia perder a criatividade e não ganhar. Que o mesmo articulou e ajudou a conseguir financiamento para o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) criado em 1969, por um grupo de professores de diferentes áreas, afastados das universidades pela ditadura militar, para ser um espaço de produção do conhecimento crítico e independente, no Brasil. FHC fala que muitas coisas boas aconteciam no CEBRAP, segundo ele, de bom e de difícil.

FHC nos conta sobre a OBAN (Operação Bandeirante) que foi um Centro de Informações criado pelo comandante do Segundo Exército, General José Canavarro Pereira e composto por membros da aeronáutica, marinha, do departamento de Polícia Federal e do Serviço Nacional de Informações - SNI e também pelos órgãos do Governo do Estado de São Paulo (Secretaria de Segurança Pública, Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, Força Pública do Estado de São Paulo e Guarda Civil). Que o pessoal da OBAN achava que ele era trotskista, mas que ele nunca foi, criticando-os por acharem coisas que não eram concretas.

Que muita gente do CEBRAP foi presa e torturada. Gilberto Gil chama FHC de professor, num sentido de respeito pela profissão que pode ser para grande parte da sociedade mais respeitada do que a de político, ou apenas fala a palavra num sentido de respeito e admiração ao professor. Gil fala que ele mesmo nunca pensou em ser contraventor, que no máximo pensava que eram linha auxiliar dos comunistas e da oposição ao regime militar.

Gilberto Gil diz que havia uma identificação da esquerda, com os comunistas, porque eles precisavam abraçar um campo mais amplo da condição humana. Que no Chile, FHC sentia a violência nas ruas, que ele via queimarem coisas na rua e que a sociedade estava polarizada e que na polarização a esquerda perdeu. Que a América Latina entendia a solidariedade como uma saída para o autoritarismo e para o nascimento de governos democráticos. FHC conta que era do grupo que não defendia a luta armada, porque queria estabelecer um caminho que voltasse à democracia no país. Que a Revolução Cubana, ocorrida em 1959, foi um movimento guerrilheiro que derrubou o governo ditatorial de Fulgêncio Batista, implantando outra ditadura comunista atrelada à União Soviética. Inspirados pela Revolução Cubana, os jovens queriam, na América Latina, repetir o mesmo feito em outros lugares, porque a revolução era uma coisa recente e que a Guerra do Vietnã também mostrava que os EUA estava enfraquecido e que os movimentos jovens hippies e alternativos, que pregavam uma outra sociedade ganhavam força e que tudo isto fez com que surgissem movimentos responsáveis por um momento em que as pessoas faziam coisas absurdas, como pensar que podiam derrubar uma ditadura militar no Brasil e em outras partes da América Latina com uma guerrilha, mas que não era bem assim, que a realidade e o contexto eram diferentes de Cuba e que aqui era um suicídio tentar isto. FHC não fala com todas estas palavras, mas deixa claro na elaboração do seu pensamento este posicionamento.

FHC escreveu um artigo no jornal *Opinião*, jornal ainda pequeno de tamanho na tiragem e na sua sede, mas importante no valor histórico. FHC diz no artigo que os intelectuais todos torciam pela guerrilha, mas estavam em casa, que então era melhor

apoiar o MDB, que estava na briga institucional e podia provocar uma mudança real no Brasil. Este artigo chegou até o Ulisses Guimarães. Ulisses leu e pediu para que os intelectuais do CEBRAP, incluindo FHC, fizessem o Programa do Partido, em 1974. FHC respondeu que não podia porque no CEBRAP havia muitos intelectuais com opiniões diversas e diferentes. Ulisses pediu para que ele fizesse e perguntasse quem mais poderia colaborar e FHC fez com a Maria Hermínia Tavares de Almeida, Carlos Estevão Martins e Francisco Weffort. A partir daí FHC fica com prestígio dentro do MDB e o partido ganha as eleições em várias partes, porque o momento político histórico ajudava.

Ulisses Guimarães convence-o a concorrer às eleições ao Senado, em 1978. Ele fala com ar de indignação na reunião feita no partido: “Eu?!” e que ele pediu tempo para que pensasse em como fazer o caminho para uma eleição. Ele conta a história que o Ulisses disse que estava na hora dele deixar de ser “coroinha” e começar a “rezar a missa”. Todos os convidados presentes dão risada neste momento do documentário.

FHC era conhecido como o “Príncipe da Sociologia” e tinha a certeza que não podia ser candidato, porque havia sido condenado pelo AI-5. Saiu como candidato com um gesto simbólico e explica que conheceu o Lula no Sindicato dos Operários no ABC. Rememora a primeira vez que fez um comício com Mário Covas. FHC tinha experiência como professor e não como político e ele diz “que você ganha a eleição quando toca em alguém, pela emoção e não apenas pela razão, é quando alguém se identifica com o que você fala”. O André Montoro lhe ensinou que não precisava em cada comício mudar o discurso, mas que era necessário bater sempre nos mesmos pontos importantes para o povo.

Montoro ganha a eleição para o senado e ele era suplente dele, depois quando o Montoro ganha a eleição para governador de SP é que ele se torna senador e assim de “improvisado” entra na política. Que ele era do MDB, mas que tinha relações boas com todos os políticos da oposição e da situação. Que sua família já era de políticos, mas que ele nunca pensou em seguir a carreira política. Que teve uma atuação no CEBRAP por 14 anos até ir para o Senado, em 1983, mas que a sua esposa Ruth Cardoso continuou atuante no CEBRAP. Parte dos intelectuais que eram do CEBRAP tinham uma visão do continente, mas que buscavam agregar as tendências mundiais. Que o ex-presidente Figueiredo prometeu que haveria eleições, mas que não houve, mas que criou um clima para reivindicar as eleições. Figueiredo sanciona a lei 6683, que concede Anistia aos cassados pelo regime militar, em 28 de agosto de 1979.

FHC diz que o Brasil deve muito ao Montoro, que ele queria encher a Praça, mostra a Praça da Sé lotada de gente no comício das “Diretas Já”. Naquele tempo ou ficava todo mundo junto ou morria. Antes de pensar na Praça da Sé para o comício foi sugerido um teatro, mas Montoro disse que não queria teatro, mas que era necessário encher a praça e mostrá-la lotada. Mostra nesta hora no documentário, cenas comoventes do comício das “Diretas Já” e todos nós que vivemos aquele momento nos emocionamos ao lembrá-lo como um momento tão histórico e importante.

FHC menciona a leitura e impressão do que ficou para trás é de que José Sarney foi construtivo quando o Tancredo Neves falece e que Sarney assume a presidência do país. Em 1985 FHC concorre ao cargo de prefeito e perde. Que foi um momento horrível. Que todo mundo achava que ele ia ganhar do Jânio Quadros, inclusive ele próprio acreditava, mas que quando ele viu a apuração, principalmente nas urnas da Zona Leste de São Paulo percebeu que não ia bem na eleição. FHC diz que o Jânio foi o precursor da demagogia moderna e que Brizola disse uma coisa que ele não esqueceu: que é importante perder, que há um ensinamento na derrota, mas que foi muita sofrida aquela derrota. Na verdade, FHC nunca esperava aquela derrota, porque todos os institutos de pesquisa davam a vitória como sua e tanto ele quanto seus eleitores ficaram surpreendidos. FHC conta que

chegou a sentar-se na cadeira de futuro prefeito e que Jânio Quadros quando assumiu, passou desinfetante na cadeira. Que havia muita expectativa que o Brasil ia mudar. Mostra o momento das emendas populares, em que uma pessoa comum podia defender uma emenda na Constituição. Cenas dos índios, das mulheres e das pessoas comuns da sociedade em Brasília. Que as emendas populares queriam dar garantias e cidadania a toda população, dar uma condição para isso e que teve avanços imensos na área do clima e dos indígenas. Que deram voz a quem não tinha e lugar no orçamento e a quem estava de fora dele.

Que um dia FHC foi procurado por uma bibliotecária reclamando que eles não estavam assegurados na constituição e que todos estavam. Que ela tinha razão e FHC prometeu tomar medidas. Que o famoso artigo 142 da Constituição sobre as forças armadas cria dúvidas e margem para interpretações, até hoje, de que se as forças armadas não seriam uma força reguladora no país. Que o FHC tem a opinião que deve levar em consideração os militares na constituição e garantir os seus direitos, mesmo sendo contra o Regime Militar.

FHC diz que quando se começa a polarizar muito não há espaço para a democracia, porque vem o autoritarismo. “Que são eles contra nós”. Que a melhor técnica é a administração de conflitos. Que o Félipe González, líder espanhol socialista, disse uma coisa que nunca esqueceu: que a constituição deve ser que nem uma bíblia, um pouco genérica, sujeita a interpretações, senão ela não aguenta, que o Supremo Tribunal vai interpretar e que a constituição tem resolvido de forma pacífica e democrática os conflitos. Que é um jogo político de poder. Que a constituição é um guarda-chuva disse FHC e interpreto que ele declara isto no sentido de segurar tudo, de abranger vários assuntos, temas de interesse social juntos, sobre o mesmo teto.

FHC e seus aliados souberam jogar o jogo do poder. Nas palavras de FHC é um jogo que não pode ser muito engessado senão não é democracia, porque a democracia precisa que todos estejam representados na constituição e que todos tenham voz e participem, mas que as leis na constituição devem ser abertas e deixar lacunas para interpretações para que o Supremo Tribunal Federal possa solucionar conflitos e não criá-los.

Segundo Norberto Bobbio (2006) um regime democrático se faz através de um conjunto de regras do jogo do poder:

[...] por regime democrático entende-se primariamente um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados. Sei bem que tal definição procedimental ou formal, ou, em sentido pejorativo, formalística, parece muito pobre para os movimentos que se proclamam de esquerda. Porém, a verdade é que não existe outra definição igualmente clara e esta é a única capaz de nos oferecer um critério infalível para introduzir uma primeira grande distinção (independentemente de qualquer juízo de valor entre dois tipos ideais opostos de formas de governo. (Bobbio, 2006, p. 22)

FHC é um grande sábio que se tornou político, um intelectual que sabe que não se deve tratar o adversário como inimigo. Diz que a geração que fez 1988 tinha presente o que aconteceu de 1964 em diante, que nós fomos vítimas de um regime fechado, e que desde então valorizamos mais as regras e as normas da cultura democrática. Nesta hora do depoimento dele e em outros importantes há uma trilha sonora que nos remete a um som de libertação de uma época para outra, de um restauro de uma situação de autoritarismo para o nascimento da democracia, é um som que sobe e nos remete ao dia das “Diretas Já” e a vontade de ser feliz novamente. FHC diz que é preciso renovar a crença de 1988,

de uma cultura democrática, de um país com liberdade de escolha política e livre do autoritarismo.

O documentário tem vários momentos com a imagem do “Senhor Diretas”, Ulisses Guimarães, um estadista que foi fundamental para que a democracia ressuscitasse e para que a nova constituição fosse homologada. Mostra cenas de dentro do Congresso em outubro de 1988, cena histórica da Constituição sendo homologada e o discurso de Ulisses de fundo em *off* primeiro e depois mostra Ulisses falando “que temos ódio a ditadura” e completa “ódio e nojo” e é ovacionado e aplaudido. Ulisses levanta a constituição, a trilha sonora aumenta e sentimos novamente aquele momento especial, onde os direitos de todos estavam incluídos e principalmente que não se promulgava apenas a constituição, mas os direitos sociais. A trilha do documentário envolve-nos num sentimento de patriotismo misturado com gratidão a todos aqueles que fizeram nosso país se libertar da ditadura e a virar uma nova página na história. Ulisses levanta a constituição com orgulho e neste momento a trilha vai para o ápice da sua elevação sonora e nós ficamos emocionados novamente com aquele gesto, como se lá nascesse um novo capítulo na nossa história. E realmente nasceu!

O documentário mostra que, quando FHC foi comunicar Ulisses que ia sair do PMDB para ir para o futuro PSDB, que ainda não tinha um nome formal, que Ulisses achou que ele não estava bem, no sentido de que seria uma decisão impensada e precipitada. FHC diz que todo mundo que não era comunista, mas era progressista, que queria melhor distribuição de renda veio para o PSDB. Mostra o momento do nascimento do PSDB com suas grandes lideranças históricas. Escutamos as pessoas gritando de felicidade com a fundação do novo partido e temos um recorte do que foi aquele momento de dar vida a um partido progressista que queria promover a justiça social junto com o desenvolvimento econômico. Ao fundo os gritos: Um, dois, três, quatro, cinco, mil queremos Mário Covas presidente do Brasil e a foto de Montoro, FHC e Covas juntos.

José Sarney aparece na tela, data de 1989, anunciando que depois de 29 anos, amanhã dia 15, 83 milhões de eleitores iriam às urnas para eleger o presidente da república em eleições diretas. Aparecem fotos da campanha na época do candidato Collor e de Lula. Mostra o momento histórico no país do primeiro debate na TV dos candidatos a presidente na Rede Bandeirantes, anunciado pela apresentadora e jornalista Marília Gabriela. FHC conta que ele e o Covas foram ao comício do Lula e que a preocupação deles era a vaia, porque naquele tempo eles vaiavam todo mundo que não fosse do PT (Partido dos Trabalhadores). Que surpreendentemente não foram muito vaiados, mas foram um pouco e ri contando. Que eles não tinham expectativa de governar juntos, porque era impossível, que o PT tinha uma visão muito particular deles. Que FHC votou no Lula nesta ocasião. (Ocasião da eleição entre Collor e Lula).

Mostra, em 1990, Sarney passando a faixa presidencial ao Fernando Collor de Mello e a trilha é de aflição ao estilo *Psycho* (1960), de *Alfred Hitchcock*. Como se saíssemos de uma ditadura para cair num outro buraco negro novamente. Depois, em *close*, mostra as manchetes dos jornais com as chamadas que o choque do Plano Collor era o maior de toda história. Que Collor bloqueou o dinheiro das aplicações financeiras. Em *off* escutamos a voz de um jornalista falando que o povo se veste com as cores da bandeira atendendo uma convocação do governo, mas paralelamente, em outra manifestação contra o Collor, a cor predominante era o preto.

FHC declara que nunca foi a favor da cassação de mandato, porque historicamente ele acha muito complicado fazer o *impeachment*, porque marca muito a sociedade, polariza e que não acha que seja construtivo para o futuro do país, mas que às vezes é inevitável. Mostra cenas de 1992, quando o Collor renunciou e que o ex-presidente Itamar Franco

assume e nomeia FHC para Ministro das Relações Exteriores e depois da Fazenda. FHC diz que aprendeu muito com o Itamaraty.

Com a preocupação de diminuir a inflação e o endividamento que nos sufocava, FHC se torna ministro da Fazenda. Segundo ele, a Fazenda era um “abacaxi” que sua esposa Dona Ruth não queria que ele assumisse. FHC fala do choque do petróleo que quebrou a economia de vários países, inclusive do nosso. Depois, o documentário mostra cenas no FMI, em 1993, quando conversou em francês com o diretor do FMI na época sem ter medo do outro. Ele diz: “que tem que ganhar o outro”. Mostra cenas da divulgação do Plano Real e de FHC falando que eles estão propondo um novo Brasil, com uma moeda estável.

Mostra que tiveram que fazer campanha para o povo entender a ideia do Plano Real, que Mário Covas o ajudou, mas contrariado, achando que aquilo ia despopularizar o partido e eles. Que o FHC foi chamado pelo Sílvio Santos e que lhe explicou algumas vezes o Plano para o apresentador, mas parecia que Sílvio Santos não tinha entendido, mas que entendeu tudo e foi fundamental explicar num programa popular como o dele para a população mais humilde. FHC como professor, explicou de forma didática o plano. O professor entrou em cena para explicar e Sílvio Santos usou exemplos pragmáticos do cotidiano para explicar falando do salário da empregada doméstica. FHC falou: “que o Sílvio Santos deu um show, que ele não só compreendeu como foi capaz de transmitir” (FHC apud Franca, 2022), que não bastava as pessoas entenderem, mas tinha que explicar e convencer não apenas as pessoas, mas também as forças representativas do país: sindicatos, congresso, entre outros.

FHC diz que seus adversários criticavam o Plano Real, pois sabiam que se o Plano fizesse sucesso ele era reeleito, como foi. Então falavam mal do plano e até o chamavam de estelionato eleitoral, mas que não deu certo porque a sociedade abraçou o Plano. Que ele sentiu a vitória da reeleição quando chegou a Bahia, que sua campanha estava com muita força (nesta hora mostra no documentário o povo na rua entusiasmado apoiando FHC para a reeleição e seus comícios lotados). Que o povo mostrava a nota de 1 real no comício e que ele sentiu a atmosfera da vitória naquele momento.

FHC defende as privatizações e inclusive abrir o mercado para o capital internacional. Ele sabia que havia empresas estatais muito boas e outras muito ruins. FHC ganhou as eleições defendendo as privatizações, porque o mundo estava se globalizando e que havia um processo de integração e que o Brasil não poderia ficar isolado, pois até a China se integrou, mas que ele foi chamado de neoliberal por defender a integração, mas que ele nunca foi neoliberal. Que quebrar o monopólio do petróleo para ele foi duro, porque teve uma formação nacionalista, mas que o mundo mudou, e reforça que “na vida política se você não toma cuidado fica ideólogo, fica defendendo o que valeu, mas não vale mais” (FHC apud Franca, 2022), e é por isso que afirma gostar de Clinton, por estar sempre olhando para a frente. Neste momento entra um depoimento de Bill Clinton, reforçando a sua adesão à “Terceira Via”, um movimento progressista que defende o desenvolvimento econômico conjuntamente com o social, em que o Estado não é controlador. Aparece o primeiro-ministro Tony Blair com FHC que seguia a mesma linha de pensamento.

FHC diz que quando se é presidente não se tem paz, porque se tem muitas críticas, porque a imprensa vigia. No Governo dele teve problemas de desmatamento e que ele precisava de informações “não chapa branca” – oficiais. Teve a vantagem de ter as críticas de Ruth Cardoso e dos filhos, mas conversava com os funcionários mais simples do Planalto para conhecer a opinião popular. Ruth Cardoso criou a Comunidade Solidária, e aparece ela dando um depoimento falando sobre a oportunidade de conjugar a experiência que trazia da vida acadêmica com os movimentos sociais. Gilberto Gil que

participa do documentário como um dos convidados declara que foi convidado a trabalhar com Dona Ruth e que ficou trabalhando com ela durante toda sua gestão.

Aparece FHC negociando suas propostas com a oposição. Ele fala que sempre evitou a guerra, que não é fácil, mas que tem que dialogar e reconhece que, embora não sendo fácil requer diálogo. Ele disse que o PFL o apoiou e que isto no PSDB foi um golpe, porque o sentimento predomina nesta hora e que os militantes do PSDB não queriam o partido PFL (Partido da Frente Liberal) porque tinha muitos quadros que eram oriundos da força tradicional que veio da época autoritária, da antiga “Arena”, mas que eles eram grandes e tinham força e que tinha que ter o apoio deles e que é preciso ter mais conciliação do que conflitos para governar.

Segundo FHC o PT dificultou muito as coisas, que votaram contra tudo (os projetos de lei) impiedosamente e que o Lula começou a simbolizar a esquerda e os pobres e começaram a jogar o FHC para o lado de neoliberal e no momento que começou esta polarização percebeu que Lula tinha seus interesses e que era útil para ele ficar contra, mas que para o Brasil era melhor ter a união de várias forças. Que a Bolsa Família de hoje a origem está no Bolsa Escola e que o governo de FHC foi quem fez as políticas estruturantes que foram mantidas pelos governos posteriores. Que a equipe do governo dele foi muito criticada por olharem primeiro para o ensino fundamental e pouco para o superior, enfrentando por isto várias greves, mas que era necessário começar pelo ensino de base.

Que tem o jogo do poder, que tem que saber equilibrar, que tem os agricultores, os Sem Terra do MST, os empresários, o povo, os sindicatos e outros e que é complicado. Que FHC recebia todos no seu gabinete, exercendo realmente o papel de um estadista que é escutar todos e assim fortificar os pilares da democracia. Mostra o convívio do líder com suas bases e com a oposição também. Ele recebe o MST (Movimento Sem Terra) que mandou várias caravanas para Brasília e que FHC foi chamado de comunista por receber o MST, mas que na verdade recebia todos os movimentos sociais, independente de concordar ou não com as ideias deles. Viu que existia um Brasil que queria terra, trabalho e comida e que ele estava naquele momento pensando mais em estabilizar a economia e fazer o país crescer, mas que nunca ignorou nenhum movimento ou reivindicação.

FHC recebeu o Lula no Palácio e disse para ele que um dia ia morar lá, mas que neste tempo FHC nem imaginava ainda o que iria acontecer no futuro. Quem levou Lula até ele foi o Cristovam Buarque (que era amigo de ambos) e que o Lula e FHC tomaram um uísque juntos e que o Cristovam disse que eles pareciam velhos amigos e que FHC disse que eram.

Mostra FHC em 1999 participando da Cúpula Progressista para a Democracia e Justiça Global, com chefes de Estado como Bill Clinton, Tony Blair e outros líderes importantes da “Terceira Via”, mostrando que eles se reuniram para discutir assuntos contemporâneos da agenda política mundial e que muitos políticos deles como FHC e Tony Blair sofreram oposição nos seus países. Os progressistas naquela época eram líderes que assumiam uma postura mais centro-esquerda e defendiam uma globalização com um capitalismo mais justo e humanitário, com reformas no sistema financeiro e adoção de políticas sociais que reduzissem a desigualdade social e a concentração de renda, gerando mais oportunidades com maior criação de empregos e produção industrial,

O documentário mostra o momento de crise da economia brasileira, onde o Real precisou ser desvalorizado para ajustar os pontos fundamentais da economia brasileira, como melhorar as exportações, que se o Real estivesse muito valorizado o produto brasileiro ficava muito caro no exterior para comercializá-lo, FHC passou por uma crise governamental grande, onde transpareceu a sua preocupação e sua filha Beatriz, que

participa do documentário como uma das interlocutoras, diz que nunca viu o pai tão tenso como naquele momento.

Quase no final, o documentário mostra de forma muito comovente a forma democrática que FHC passou o cargo e a faixa para o presidente Lula seu sucessor. Coisa que Bolsonaro não fez e não teve a educação e consideração em fazer em janeiro de 2023. Mostra como FHC tem a dignidade e a coragem de um grande governante. Que não foge das suas responsabilidades e que sabe que a democracia deve ser respeitada e resguardada, seja qual for o resultado das urnas.

FHC declara que tinha um misto de sentimento de tristeza com alegria quando Lula ganhou, tristeza porque o PSDB tinha perdido a eleição para presidente com a candidatura de José Serra, mas de alegria também, pois ele achava que estava na hora de mudar e era importante uma pessoa como o Lula ganhar, por ser um líder popular, porque a democracia é alternância de poder. Mostra cenas dele passando a faixa para o Lula e do abraço afetuoso entre eles e não de rancor. Que Lula falou para ele que ele deixava lá um amigo, mas que depois disto FHC conta rindo que foi só pau em cima dele (no sentido das críticas do Lula em relação a ele). FHC diz no documentário que é o jogo do poder, a disputa de que um grupo partidário é que manda. Mostra FHC fazendo tchau já no avião deixando Brasília e o poder.

O documentário conta com a participação de várias personalidades, entre as mais famosas Bill Clinton, que foi presidente dos EUA de 1993 a 2001, de Raul Jungmann, ministro do Desenvolvimento Agrário e Ministro Extraordinário de Política Fundiária do governo FHC, de Ricardo Lagos, presidente do Chile de 2000 a 2006, do cantor e compositor Gilberto Gil que trabalhou no Comunidade Solidária com a Dona Ruth Cardoso. Maria Hermínia Tavares, Boris Fausto, Alain Touraine, Celso Lafer, Nelson Jobim, Sérgio Fausto, Ana Beatriz Cardoso (filha de FHC), o do ex-prefeito de Piracicaba Barjas Negri, entre outros.

O documentário termina com imagens da construção de Brasília já na fase de termino, mostrando que tudo começou com aquele sonho de fazer uma capital que fosse não apenas a sede do Governo Federal, mas da democracia brasileira.

FHC diz no documentário: “Depois que deixei a presidência, não fui nada, não quis ser, mas se não houver vozes que falem, não acontece nada. E a nós só resta falar”. O documentário foi filmado na Fundação Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo, conhecida mais como Fundação FHC, onde tem sempre palestras, cursos, biblioteca com farto e rico material bibliográfico da obra de FHC e com exposições que retratam a trajetória do ex-presidente. O roteiro foi assinado pelo diretor Belisário Franca e Lyana Peck.

O Presidente Improvável mostra a grandeza da contribuição de FHC para a história do Brasil, que a Era FHC representa um ciclo novo na política nacional de um homem que governou não para agradar multidões, mas para fazer o que era necessário, mesmo sendo impopular quando as medidas não eram tão agradáveis. Ele tinha uma responsabilidade com a nação e com o desenvolvimento social junto com uma economia forte e que ele não fugiu desta missão.

Embora FHC acredite que foi um presidente improvável, porque era intelectual e não tinha tanta penetração nas classes e bases populares, ele conseguiu fazer uma conexão entre sua militância nos movimentos acadêmicos com o pragmatismo partidário. Todo ser humano é um ser político, só que nem todo ser humano exerce um poder político. Quando tomamos decisões que afetam a coletividade ou a nossa vida em coletividade estamos fazendo política. Quando nos identificamos com movimentos sociais também e quando participamos de qualquer grupo que faz reivindicações estamos sendo políticos, não somos políticos apenas quando participamos ou nos filiamos a um partido.

A política começa em casa com as micro relações de poder na família, com as hierarquias familiares, com os papéis que a mãe e o pai exercem de igualdade de gênero ou não. O partido é apenas uma extensão de representatividade política, ser contra se filiar a um partido também é um ato político, de descrença nos partidos, mas podemos exercer poder político em ONGS, sindicatos, lideranças religiosas e outros. Hannah Arendt, pensadora alemã judia fala que o que faz um homem um ser político é sua capacidade para a ação, independente de pertencer a um partido, sendo assim FHC era político antes de se filiar a qualquer partido, pois ele era voz ativa nos movimentos sociais, na luta contra o autoritarismo e abraçava causas coletivas:

O que faz do homem um ser político é sua faculdade para a ação; ela o capacita a reunir-se com seus pares, a agir em concerto e a almejar objetivos e empreendimentos que jamais passariam por sua mente, para não falar nos desejos de seu coração, se a ele não tivesse sido concedido esse dom – o de aventurar-se em algo novo. (Arendt, 2010, p. 102)

Embora FHC não tenha pensado em ser presidente, sequer senador em sua vida as suas ações o levaram a este caminho mesmo que indiretamente, mesmo que sendo vice de alguém, estes objetivos já moravam dentro do seu ser antes de ser eleito para qualquer cargo, porque quando se milita por uma causa não se milita sozinho, faz-se parte de um grupo que busca o poder, tendo ou não cargos. Quando se chega ao poder não tem como abdicar de um cargo ou responsabilidade, porque para quem persegue o poder exercê-lo é uma consequência. FHC perseguiu o poder em cada ação e atos em que participou como intelectual. O intelectual e o político não se separaram.

FHC chegar a presidente é o resultado da soma do intelectual militante com o filiado eleito. FHC aventurou-se em algo novo, mas este algo novo não era tão novo, ele cresceu numa família de políticos e com um pai com poder, ele viveu uma vida entrosado nos movimentos estudantis que lutavam por causas, ele conviveu com o poder durante toda sua existência. Sua eleição para cargos políticos não o transformou num ser político, apenas reafirmou o que ele já era muito antes de ser eleito. Sua trajetória é uma construção não improvável para ser presidente, mas muito provável diante dos fatos que marcaram a sua vida. Talvez o que seja improvável é ele um intelectual ter conquistado a simpatia popular, talvez o povo votou na moeda Real e não no FHC, no sentido de votarem naquilo que FHC simbolizava não como intelectual, mas como homem que colocou a economia do país em ordem. FHC soube aproveitar o momento de estabilidade econômica para chegar ao cargo de presidente, mas sua vocação política sempre existiu.

O documentário apresenta um presidente sensível, humano, que tem suas crises em permanecer no país ou voltar ao exílio, em seguir a carreira política junto com a acadêmica ou abandonar uma delas. Em assumir responsabilidades do cargo mais importante de um país, sabendo que isto requer anular muito da sua privacidade e da sua vida social. Em não se abalar ao ser criticado, mas saber que o jogo do poder requer administrar conflitos. Um homem que foi um exemplo de estadista e que soube conviver com as derrotas e aprender com elas e saborear as vitórias e não se envaidecer com o poder. Foi um dos presidentes que mais dialogou com a oposição e que pela primeira vez montou um governo de transição para dar posse ao candidato que não apoiou, mas que sempre respeitou, respeitando assim também a democracia. FHC teve sempre uma postura de estadista e uma postura de vanguarda em relação à oscilação do poder. FHC acredita que quando a democracia vence, todos vencem, mesmo que os que nós apoiamos percam. Mostra na sua trajetória o combate ao autoritarismo junto da sua companheira Ruth, sua parceira nos mesmos ideais.

O documentário mostra um homem olhando para trás, buscando mostrar que tudo o que fez tinha um motivo, que a sua vida não foi em vão, mas foi uma vida pela democracia e para a democracia. Olhamos para FHC no documentário e vemos quanto o Brasil lhe deve e quanto a oposição também deve a ele, porque é no seu governo que os programas sociais começam a ser concebidos e implementados, que é um governo com uma característica nova em colocar gente qualificada nos ministérios e fazer projetos para avançar no social e mudar o país. Um governo que se preocupou com a cultura, nascendo no governo FHC, a Lei Rouanet. Seu governo é quem estrutura quase todos os programas sociais que seriam implantados e ampliados em governos posteriores. FHC é o que gesta um país que quer deixar de ser miserável na mentalidade e nas necessidades. Um governante que sabe que não adianta lutar contra as mudanças do mundo como a globalização, mas tem que aprender a lidar com as mudanças para não ficar para trás. Que atualizar-se é um dever de todo o estadista que é visionário e olha para o futuro. O documentário mostra que ele é amplamente reconhecido dentro e fora do Brasil e respeitado internacionalmente junto com os mais importantes líderes globais. Que o seu governo, embora tenha sido muito criticado por uns e admirado por outros, foi um dos mais importantes da história do Brasil, pois fez a ponte entre um país mergulhado em infração para um país em crescimento.

Que a moeda Real, marca da sua gestão, colocou o Brasil numa situação de recuperação econômica e o fez ser reeleito, que seu governo simbolizou um novo tempo em que um intelectual senta na cadeira de presidente e faz o Brasil ser respeitado. Fernando e Ruth, um casal de intelectuais no poder, construindo um país para muitos e não apenas para a elite. Criticados pela direita e pela esquerda, mas que deixaram a marca de um novo tempo, sem coronelismo, sem militares, com respeito aos diferentes, a pluralidade política e partidária, aos movimentos sociais e a plenitude democrática. O Presidente Improvável é um documentário biográfico de Fernando Henrique Cardoso e de um Brasil que renasceu das cinzas.

Referências

- Arendt, H. (2010). *Sobre a Violência* (2ª ed.). Civilização Brasileira.
- Belisário Franca. <https://academiabrasileiradecinema.com.br/socios-acad/belisario-franca/>
- Bobbio, N. (2006). *O Futuro da Democracia*. Paz e Terra.
- Giddens, A. (2001). *A Terceira Via e seus críticos*. Record.
- Pavese, C.B. (2004). A Terceira Via. *Mosaico Social - UFSC*, v. 2, 241-247. <https://cienciassociais.paginas.ufsc.br/files/2015/03/Artigo-181.pdf>
- Rodante, J. et al. (2022). O Presidente Improvável [Filme]. Globoplay.